



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

# Das aldeias para as cidades: o caso dos Terena

Graziella Reis de Santana

**Como citar:** SANTANA, G. R. Das aldeias para as cidades: o caso dos Terena. *In:* CABRAL, F. (org). **Dez anos do grupo PET/Ciências Sociais**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2003. p71-89. DOI: <http://doi.org/10.36311/2003.85-86738-24-7.p71-89>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## **DAS ALDEIAS PARA AS CIDADES: O CASO DOS TERENA**

Graziella Reis de SANTANA<sup>1</sup>

### **INTRODUÇÃO**

O Estado do Mato Grosso do Sul possui, hoje, segundo dados da FUNAI, um dos maiores índices de população indígena vivendo nos centros urbanos. Só na capital, Campo Grande, foram constatados aproximadamente 5.000 indígenas - e desses -, cerca de 2.500 são índios Terena. Esse processo de transferência da aldeia para a cidade, teve início na década de 1950, com a vinda de apenas algumas famílias Terena para a cidade de Campo Grande; desde então o processo vem se intensificando e a cada ano aumenta o número de índios Terena vivendo na sociedade urbana.

Primeiro, destacaremos alguns aspectos da cultura tradicional Terena, e demonstraremos, pela trajetória que percorreram antes da chegada na cidade, suas formas de contato com a sociedade envolvente, bem como as situações a que foram submetidos, reunindo assim elementos necessários para a compreensão do processo migratório (aldeia-cidade), suas causas e conseqüências para a comunidade em questão, conforme proposta deste trabalho.

### **ORGANIZAÇÃO CULTURAL DOS TERENA**

As bibliografias a respeito dos Terena são comparativamente menores com relação as bibliografias referentes às outras etnias Guaná (Kinikinau, Exoaladi e

---

<sup>1</sup> Aluna de Ciências Sociais, bolsista do grupo PET/ SESU durante o período 1999 a 2001. Orientador do trabalho: Prof. Dr. Sérgio Augusto Domingues. Faculdade de Filosofia e Ciências/ UNESP-17525-900- Marília, SP.

Layana). Apesar de o século XVIII ser considerado a idade de ouro da literatura sobre o Chaco, poucas referências são feitas aos Terena. É a partir de 1844-45, com Castelnau, que veremos uma literatura a respeito desse grupo.

Portanto, dada as dificuldades em se retratar um quadro geral sobre a organização cultural Terena, os aspectos que aqui serão apontados são aqueles considerados relevantes para a compreensão da tradição Guaná e que encontram-se melhor documentados pelos cronistas da época. Destacaremos alguns pontos da organização social e do processo de estratificação, bem como aspectos da antiga vida cerimonial.

A organização social demonstrada pelos cronistas aponta que as famílias Terena formavam uma unidade econômica e cooperativa (especificamente agrícola), na qual as tarefas como preparo do solo, caça e fabricação de instrumentos cabiam aos homens, enquanto que o plantio, a colheita, a cozinha e a tecelagem eram funções das mulheres. Numa casa viviam marido, mulher, filhas e filhos solteiros, genros e netos. As casas (Ovokúti) se distribuíam na aldeia ao redor de uma praça central (Nónevokúti), ficando as roças e plantações separadas:

Na aldeia havia cerca de 100 a 120 casas unidas umas as outras. Eram longas cabanas formando um círculo em torno de uma grande praça. Parecem grandes ranchos cobertos com imensos tetos de galhos de palmeiras. (CASTELNAU, 1949)

Socialmente, os Terena se dividiam em duas metades endogâmicas e simétricas em suas relações: a Sukirikionó (caracterizada pela maturidade, seriedade e tranqüilidade), e a Xumonó (caracterizada pela juventude irrequieta e brincalhona). Essa divisão era mais aparente, segundo etnólogos como Oberg e Altenfelder, durante a época das colheitas, quando ocorriam festividades como o Oheokoti onde as duas metades deveriam assumir comportamentos

diferentes: os Xumonó, mostrando-se brincalhões e provocativos, e os Sukirikionó, tranquilos, não podiam revidar as brincadeiras dos primeiros.

Sobre a origem das metades, existem diferentes versões – a do missionário Rattray-Hay, e as dos antropólogos Hebert Baldus, Castelnau, Altenfelder Silva e Cardoso de Oliveira – entre outras. Todas, no entanto, coincidem em um ponto: no da existência do mito do herói civilizador Yurikoyuvakái. Este herói, caracterizado como o provedor do fogo e de alguns utensílios, foi dividido com uma foice, após uma discussão com sua irmã Livéchechevéna (em outras versões, a mãe), dando origem a duas personalidades distintas (em outras versões, dois irmãos gêmeos). Grande parte desses autores demonstraram que a metade Sukirikionó era superior e mais forte – mas somente nos períodos de festas – que a metade Xumonó:

Na vida cotidiana, os membros das metades não se distinguiam uns dos outros por sua aparência, nem moravam em locais separados. Durante as cerimônias, porém, havia mudança radical: os “bravos” (Xumonó) tinham o direito de pregar peças bastante pesadas aos membros da outra metade, que os brandos Sukirikionó deviam suportar com humildade, sem zangar-se, podendo reagir apenas com gracejos e pilhérias. Tais liberdades, no entanto, eram restritas rigorosamente ao período de cerimônias Oheokoti, na época da colheita; fora disso as metades tinham posição igual. (ZERRIES; 1963, p. 108)

As metades também desempenhavam um importante papel na regulamentação da vida social, especificamente na regulamentação do matrimônio, os casamentos eram feitos dentro das próprias metades. Cada uma das metades se dividia ainda em três camadas, também endogâmicas, a saber:

- Naati ou Naati-Atxé, que representava os caciques ou “chefes do povo” e sua parentela.
- Waherê-Txané ou Maxati-Txané, representando os homens comuns ou o povo;

- Kauti, que seriam os cativos, geralmente obtidos na guerra.

Cada aldeia Terena possuía um cacique Naati-Atxé para os Sukirikionó e um para os Xumonó, e a transmissão desses cargos ocorria de forma hereditária dentro da classe Naati. No caso de morte de um cacique, seu filho mais velho deveria substituí-lo, e o rito da posse era realizado na festa do Timé. Os Waherê-Txané constituíam a maior parte da aldeia, *a gente comum*; também não permitiam o casamento fora de seu grupo. A camada Kauti foi incorporada posteriormente na estrutura Guaná, compondo-se de, em sua maioria, crianças obtidas em expedições e conflitos com outras etnias. A captura visava muito mais o prestígio do que o aliciamento para trabalhos agrícolas; o fato de serem crianças e crescerem junto aos Terena facilitava a integração e a participação (dos cativos) nas demais atividades desenvolvidas na aldeia.

Segundo alguns autores, a incorporação da camada Kauti deveu-se ao processo de interação intertribal entre os Terena e os Guaikuru (que possuíam em sua estrutura a camada dos cativos). Apesar de muitos cronistas na época classificarem os Terena como escravos dos Guaikuru, a relação estabelecida entre eles era essencialmente de alianças: de um lado os Terena forneciam produtos agrícolas – o que não era sacrifício dado às atividades permanentes de plantio – e os Guaikuru – com amplos domínios adquiridos durante confrontos em algumas regiões do Chaco – forneciam ferramentas, cavalos e proteção contra possíveis ataques. Essa relação influenciou os Terena na constituição de uma camada que também viesse a lhes trazer algum *status* frente às outras tribos. Alguns autores chegam a mencionar que da mesma forma como os Terena agiram com os Guaikuru (ou seja, buscando antes alianças do que uma luta direta, perpetuando assim suas comunidades) agiram como os primeiros colonos.



*Como já mencionamos, a estratificação entre as camadas impossibilitava a mobilidade e os casamentos entre estratos diferentes, contudo, essa endogamia poderia se reverter e se modificar quando um Terena (Naati, Waberê ou Kauti), conseguindo obter sucesso em uma batalha, ganhava o título de Xuna-Xati. Essa “condecoração” proporcionava ao guerreiro o direito de escolher sua esposa em qualquer uma das camadas, além da ascensão à camada superior e a obtenção de maior prestígio na comunidade:*

Xuna-Xati era, em suma, o matador, o guerreiro que se destacava no campo de batalha matando um adversário... Na esfera matrimonial, o papel desempenhado pela instituição de Xuna-Xati foi de suma importância. Veio a quebrar uma endogamia de camada, que em termos estruturais, tendia a ser absoluta. (OLIVEIRA, 1968, p.28)

Outro personagem fundamental para a compreensão da organização cultural Terena é o Koixomuneti. Além de invocar os espíritos pedindo proteção e cura, o xamã é o protagonista de festas religiosas de grande mobilização e importância, como o Oheokoti. (festa que ocorria sempre quando as Plêiades atingiam seu ponto máximo no céu, entre abril e maio).<sup>2</sup>

Castelnau presenciou uma dessas festas em maio de 1845, e constatou que a participação da comunidade era intensa, todos trabalhavam na colheita e preparo dos alimentos, na busca do mel para fazer o “licor espiritual”, na confecção dos adereços utilizados nas danças, etc. Os Koixomuneti dirigiam as festas, escolhiam aqueles que iriam dançar e tocar, como também as comidas que seriam servidas. Durante vários dias todos se mobilizavam em torno dos xamãs, que tanto intercediam pelos espíritos dos mortos como pelas colheitas.

Durante o ritual, as metades Sukirikionó e Xumonó escolhiam representantes para se confrontarem numa dança conhecida como Bate-Pau. Essa dança demonstrava

---

<sup>2</sup> Plêiades é o nome dado ao aparecimento da constelação das sete estrelas, quando estas atingem seu ponto máximo no céu.

claramente as diferenças entre as duas camadas: os Sukirikionó provocavam e os Xumonó deveriam aceitar a provocação, de uma forma pacífica. Ao final, os Koixomuneti declaravam empate na luta entre as duas metades, apesar da aparente superioridade e força do representante Sukirikionó.

Cardoso de Oliveira, ao falar sobre as festividades, dizia que estas eram de vital importância para a comunidade Terena, pois além de sua “função manifesta” elas manteriam, de uma certa forma, a solidariedade tribal e fortaleceriam a consciência de grupo.

### **MOBILIDADE ARUAK**

Estudos comprovam (MARTINS, 1992) que homens pré-históricos habitaram, há aproximadamente 11 mil anos, a região do que é hoje o Estado do Mato Grosso do Sul. Estes grupos seriam, provavelmente, originários das levas que vieram do norte e do ocidente, e depois do sul do continente sul-americano, sempre guiados pelos cursos fluviais.

Segundo Souza (1973), pelo menos 4 grandes famílias povoaram o território sul-americano, “oriundos de territórios asiáticos norte-orientais e malaio-polinésios”, seriam elas: as do Caribe; as do Gê; as do Aruak e as do Tupi-Guarani.

Os Terena, remanescentes da família Aruak, são conhecidos como provenientes do Chaco Paraguaio, região que abrange territórios da Bolívia, Argentina, Paraguai e Brasil. Pesquisas recentes comprovam (MANGOLIM, 1993) a existência de características dos povos pré-colombianos e venezuelanos na cultura Aruak, ampliando assim as regiões por onde passaram esses povos.

Os Aruak realizavam deslocamentos pelas regiões abrangidas pelo Chaco, promovendo o intercâmbio de bens “sobretudo no que diz respeito às famosas lâminas de metal

de proveniência incaica e que se tornaram conhecidas antes de os europeus ouvirem falar no Eldorado” (CARVALHO; 1998, p. 459). Procuravam geralmente terras propícias ao plantio, dado a característica agrícola desses povos.

A partir do século XVI, iniciou-se a penetração espanhola em terras chaquenhas a procura de riquezas. Muitas foram as expedições de reconhecimentos, sempre marcadas por um forte genocídio:

Naturalmente a conquista provocou violentas pressões sobre toda região, determinando grande movimentação de povos indígenas, levando a seu decréscimo e ao extermínio de tribos marginais à área chaquenha. (CARVALHO, 1998, p.462)

Os Terena que sempre realizaram deslocamentos ao longo de sua história (povos nômades por tradição), perceberam-se acuados diante das invasões espanholas que, de certa forma, colocavam barreiras em suas locomoções pela região do Chaco. Com isso começaram a descer o Rio Paraguai (século XVIII), em direção ao Sul do Mato Grosso.

### **OS TERENA NO MATO GROSSO DO SUL**

A migração mais expressiva da população Guaná, para as terras do MS, teria ocorrido em meados do século XVIII, mais precisamente em 1767, “momento em que os franciscanos substituíam as missões jesuítas”. Nessa época, pequenas ondas pastoris começavam a ocupar a região, “até então, apenas as bandeiras haviam penetrado naquele território, ou para prear índios ou para atravessar a região rumo ao lendário império incaico” ( OLIVEIRA, 1976, p. 55).

Somente no século de XIX, após a guerra do Paraguai (1869), se iniciaria, de fato, um processo de ocupação, pois muitos soldados desmobilizados naquelas áreas não voltaram para suas terras de origem:



Mais do que a guerra em si mesma foi essa segunda onda humana que como sua conseqüência iria proporcionar aos grupos Guaná e, especialmente aos Terena, uma nova situação de conseqüências dramáticas para eles, porquanto determinou o engajamento dessas populações a uma economia de caráter escravista. A esse período referem-se os Terena modernos como ao tempo do cativoiro. (OLIVEIRA, 1976, p.57)

Uma vez espoliados de suas terras por aqueles que resolveram ocupar a região retirando do caminho qualquer “empecilho”, ou mesmo pelo governo do estado que doou terras para garantir as novas fronteiras, os Terena expandiam-se pelas fazendas que estavam surgindo (não raro absorvidos como mão-de-obra cativa) e por outros territórios mato-grossenses-do-sul.

Vale ressaltar, que os Terena foram os últimos indígenas a entrar na guerra do Paraguai, e ainda assim, só o fizeram porque ficaram acuados diante dos conflitos que já adentravam os limites de suas aldeias. Apesar de manterem, até esse momento, pouco contato com a sociedade nacional, os Terena buscavam alianças e se comprometeram a participar do conflito com a condição de que teriam suas terras garantidas, o que de fato não ocorreu.

As famílias que não foram absorvidas pelas fazendas da região saíram em busca de outras terras propícias ao plantio e a constituição de novas aldeias. Evidente que essa nova expansão não era fácil, pois os fazendeiros procuravam a todo custo assegurar todas as terras que lhes fossem possíveis alcançar, como também não era fácil a reconstrução e a reorganização de novas aldeias.

Essa situação perdurou até 1904, momento em que o Marechal Cândido Rondon passava pelas terras do MS construindo as linhas telegráficas. Na época Rondon constatou as dificuldades enfrentadas pela comunidade Terena, e por sua intervenção nas câmaras municipais, algumas reservas foram criadas, e muitos indígenas foram

libertos da situação em que se encontravam. Em 1910, sob a direção do então Serviço de Proteção aos Índios, Rondon deu continuidade ao processo de demarcação das terras indígenas, reagrupando muitas comunidades que estavam dispersas.

A atuação de Rondon e sua comissão foram de vital importância para as comunidades Terena; provavelmente, sem essa ação o número de indígenas e reservas seria bem menor e as complicações bem maiores. Mas, apesar dos benefícios conseguidos, a política indianista desenvolvida na época queria a todo custo integrar o índio à sociedade nacional: as aldeias eram demarcadas próximas aos centros urbanos, o que facilitava e acelerava o processo de transformação e integração.

As áreas demarcadas, além de estarem próximas às cidades que começavam a surgir (devido ao incremento econômico proporcionado pela construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil - NOB), eram sempre muito pequenas, principalmente diante de um número cada vez mais crescente de índios Terena. Diante desse quadro, era inevitável que a tradicional organização Terena sofresse grandes transformações. As segmentações que foram ocorrendo entre as aldeias impossibilitavam certas linhas de relações necessárias para a manutenção da antiga ordem tribal.

Segundo Brandão (1986), os Terena tiveram de se adaptar a essa nova situação reelaborando suas estruturas, ou seja, o que antes era dirigido às camadas e clãs, agora dirige-se à aldeia de origem -"a aldeia de onde eu sou"- ao invés da camada Unati ou Waherê-Txané.

Seja uma reelaboração, ou mesmo a criação de uma nova estrutura, o certo é que esse "arranjo" provocou grandes mudanças na vida da aldeia, mudanças que podem ter afetado toda uma lógica tribal. No entanto, apesar de todas as situações e modificações pelas quais passaram, o

sentimento de unidade, de um “nós Terena”, permaneceu vivo, mesmo entre aqueles que deixaram suas aldeias de origem rumo às cidades, enfrentando novas situações, como veremos a seguir.

### **MIGRAÇÕES PARA A CIDADE**

As cidades já eram conhecidas por muitos, pois com reservas tão próximas aos centros urbanos era quase impossível um jovem não tê-las visitado pelo menos uma vez. Quando retornavam traziam novidades, seja das coisas que viam ou dos objetos que conseguiam comprar.

Cardoso de Oliveira, na década de 1950, observou as primeiras famílias Terena que se instalavam em Campo Grande, na época de seu trabalho de campo (também desenvolvido nas aldeias), constatou que a maioria migrava para as cidades, buscando trabalho remunerado, educação para os filhos e melhorias no campo da saúde. Para o Terena migrante, a vida na cidade representava a elevação de seu nível de vida em relação à aldeia ou a fazenda, contudo, as realidades encontradas não eram nada favoráveis: geralmente instalavam-se nos bairros de periferia e os empregos encontrados mal garantiam a subsistência familiar.

Além de todas essas dificuldades, os Terena sofriam grandes discriminações, levando alguns, naquela época, a situações extremas: a negação de uma origem indígena ou até mesmo (como constatamos em entrevistas) o castigo por parte dos pais aos filhos, quando estes diziam palavras no idioma tradicional.

O que aconteceu é que fomos discriminados, fui discriminado, passei catorze anos da minha formação de vida falando que era japonês, porque era mais fácil - o índio era um preguiçoso e o japonês era trabalhador; o índio era um turrão e o japonês era inteligente, então fui levando essa identidade para poder superar muitas dificuldades. (TERENA, 2000, p. 36)

No entanto, apesar das reações contra uma origem tribal, observadas na época, era muito comum entre eles a formação de linhas de relações na cidade; mesmo com muitos morando longe, iam juntos às festas promovidas nas aldeias. Festas como o Oheokoti, realizada na Semana Santa, que apesar de todas as modificações como a introdução de elementos cristãos, eram bons motivos para rever os parentes que permaneciam nas reservas.

Segundo Cardoso de Oliveira, os Terena não procuravam recriar dentro da cidade uma vida perdida na aldeia, muito pelo contrário, buscavam viver como qualquer cidadão urbano, o que não impedia as linhas de relações, que de certa forma fortaleciam e estimulavam a consciência de grupo.

#### **CONSTATAÇÕES DO TRABALHO DE CAMPO**

Até aqui demonstramos, mediante levantamento bibliográfico, um pouco da história e trajetória dos Terena. Portanto, agora vamos descrever o que constatamos nos trabalhos etnográficos desenvolvidos.<sup>3</sup>

Apesar da ênfase dessa pesquisa ser a comunidade Terena na cidade, as visitas feitas às aldeias do MS são importantes, pois fornece-nos uma visão maior do processo migratório (aldeia-cidade), suas causas e conseqüências.

#### **ALDEIA ÁGUA BRANCA**

Distante aproximadamente 300 quilômetros da capital, a aldeia Água Branca fica próxima ao município de

---

<sup>3</sup> Janeiro de 1999: visita a reserva Limão Verde, próxima ao município de Aquidauana/MS; Fevereiro, Julho e Dezembro de 1999: visita às famílias residentes em bairros de Campo Grande. Janeiro de 2000: visita a reserva Água Branca, próxima ao município de Taunay/MS; Fevereiro e Julho de 2000: visitas as famílias Terena residentes nos bairros de Campo Grande; Dezembro de 2000: visita à reserva Água Branca e famílias Terena residentes em Campo Grande. Janeiro, Fevereiro e Julho de 2001: visitas às famílias Terena em Campo Grande.



Taunay (reserva Taunay/Ipegue), e apesar de pequena, a reserva abriga uma população estimada em 3.000 índios.

As casas, não mais dispostas na forma tradicional, são feitas de barro, cobertas por telhados de palha e com os cômodos separados; nelas moram pai, mãe, filhos e filhas solteiras. Perto das residências existem algumas plantações, o que ajuda na alimentação, contudo, elas são insuficientes para o abastecimento familiar, obrigando a freqüentes visitas às mercearias próximas à aldeia para adquirirem os produtos que faltam.

Dentro dos limites da reserva, existe ainda, uma escola, que atende somente até a quarta série do ensino fundamental, um posto de saúde fechado, e duas igrejas, uma católica e uma protestante.

Todos na reserva falam o idioma tradicional, e o português só é utilizado quando falam com alguém da cidade. A partir de suas histórias, dos depoimentos e das nossas observações, tentaremos demonstrar brevemente a situação dos índios nas aldeias.

## **VIDA EM ALDEIA**

A região em que se encontra a reserva Água Branca é rodeada de uma rica vegetação pantaneira, região essa que atrai inúmeros turistas todos os anos.

A rotina deles é simples: acordam sempre muito cedo, aqueles que trabalham nas cidades pegam o ônibus fretado pelo município que passa dentro da reserva, os que ficam ajudam na lavoura e nos serviços domésticos; alguns adolescentes em idade escolar vão para escolas das cidades vizinhas.

Possuem várias dificuldades: falta de espaço e incentivos financeiros para o plantio, falta de um posto de saúde próximo, escolas para os jovens, entre outros.

À primeira vista, as dificuldades e o dia-a-dia desses Terena em nada difere da vida de muitas famílias da região. No entanto, quando escutam suas histórias, observamos a convivência entre eles, bem como o respeito pela palavra do chefe tribal, percebemos que se trata de um grupo específico e diferente das demais famílias mato-grossenses-do-sul.

Da antiga organização cultural, restaram alguns aspectos (bastante sincretizados), e dentre eles podemos citar: as metades Sukirikionó e Xumonó (reativadas nas épocas de festas), o ritual do Oheokoti, (permeado de elementos cristãos), uns poucos Koixomuneti e os caciques (eleitos de quatro em quatro anos).

Reconhecendo as profundas modificações na antiga estrutura tribal, alguns velhos chegam a lamentar. No entanto, as transformações foram inevitáveis, a convivência com a sociedade urbana criou novas situações, e conseqüentemente novas necessidades. Atualmente é difícil encontrar um Terena que não considere importante “estudar fora”, pois o estudo (nos seus diferentes níveis) pode oferecer a oportunidade de uma formação profissional, tão necessária hoje para a subsistência na reserva.

A idéia de que a cidade pode proporcionar melhorias quanto à formação profissional é um consenso, mas quando perguntamos o que acham de morar definitivamente na cidade, muitos consideram extremamente complicado, pois “lá tudo tem que pagar”:

Os patrícios que vão para a cidade, estão na maioria das vezes iludidos com a possibilidade de encontrar melhorias em tudo, só que quando chegam na cidade encontram fome e discriminação...Os índios deveriam permanecer nas aldeias, pois aqui a gente não paga aluguel. (Informação verbal)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Estevinho, morador de Água Branca.

Porém, apesar de todos esses *custos*, vários Terena transferem-se todos os anos para as cidades do MS, principalmente para a capital, Campo Grande, em busca das melhorias não encontradas nas aldeias, como veremos a seguir:

### **VIDA NA CIDADE**

A maioria dos migrantes, cerca de 770 famílias, distribuem-se pelos bairros de Campo Grande, muitas vivem com baixos salários e enfrentam as mesmas dificuldades e os mesmos problemas de outras comunidades carentes.

Demonstraremos a atual situação dos índios, as causas e conseqüências das migrações para a cidade, através de alguns bairros constituídos por índios Terena. Especificamente, para este artigo, trabalharemos com o bairro Marçal de Souza, pois além de reunir um número expressivo de famílias Terena (cerca de 130), é considerado uma aldeia urbana dentro da cidade.

### **BAIRRO MARÇAL DE SOUZA**

Na madrugada do dia 9 de julho de 1995, cerca de 55 famílias de etnia Terena ocuparam um lote pertencente a FUNAI, um fato inédito no país. Dessas famílias, cerca de 38 já residiam em bairros de Campo Grande.

A maioria das famílias residentes nesse bairro migrou em busca de trabalho assalariado, além de escolas e melhores postos de saúde. Outros ainda disseram que os principais motivos foram o falecimento de pessoas próximas, a busca de creches para as crianças, divórcios, etc.

Os principais trabalhos encontrados pelos homens, tanto na época da ocupação como hoje, ainda são na construção civil. Entre as mulheres as principais funções

desenvolvidas são as de empregadas domésticas e de feirantes.

No início, as casas eram barracos de lona, sem água encanada ou luz elétrica. Atualmente, devido aos esforços e reivindicações da comunidade, foram construídas casa de material com toda a infra-estrutura necessária. Também, foi conquista dessas famílias a construção de uma escola dentro do bairro, de ensino bilíngüe - português-terena -, e a construção de um Centro de Cultura Nativa.

Assim como na aldeia, no bairro também existe uma liderança, no entanto uma liderança feminina, Enir Bezerra.<sup>5</sup> Junto a ela todos se reúnem e discutem soluções para os problemas e possíveis melhorias para o bairro; participam de reuniões, debates e outros eventos maiores que ocorrem na cidade, sempre levando a causa indígena e colocando-a para a sociedade como algo real. Foram dessas reuniões que surgiram os projetos voltados ao resgate e preservação de aspectos da cultura Terena (danças, artesanato e língua).

Considero importante o ensino da língua, as danças e o artesanato, pois é uma tradição do nosso povo. Houve durante muito tempo um descaso, até mesmo um sentimento de vergonha de ser Terena por alguns, mas hoje procuramos reverter isso, principalmente entre as crianças, pois elas são o futuro da nossa gente. (Informação verbal)<sup>6</sup>

É importante ressaltar que muitos índios Terena, hoje, (não especificamente no bairro em questão) estão buscando uma formação profissional (técnica ou acadêmica), o que tem proporcionado uma melhora nas condições de vida, principalmente diante das primeiras famílias que chegaram na capital do MS. E essa “ascensão” não implica num abandono ou esquecimento da cultura Terena; pelo contrário, temos observado que muitos são aqueles que após

---

<sup>5</sup> Atualmente existe outra liderança no bairro.

<sup>6</sup> Enir Bezerra.



completarem seus estudos na Universidade voltam para as aldeias (definitivamente ou periodicamente), e auxiliam dentro dos limites de suas formações.

Portanto, percebemos que os Terena agrupados e organizados vivem, existem como etnia, isto é, mesmo tendo dificuldades na sociedade urbana, criam situações de uma nova vivência social, oportunidade em que a solidariedade para com o patrício; a preocupação com a formação futura das crianças e a produção cultural, tornam-se elos importantes para a manutenção de uma história em comum.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A situação de contato com a sociedade nacional resultou para os Terena sucessivas alterações em todas as dimensões de suas vidas, pois além da diminuição de suas terras e segmentações das aldeias, possibilitou também a introdução de novos artefatos, tecnologias, crenças e símbolos. Conseqüentemente, essa introdução da cidade dentro da reserva aos poucos criou no imaginário Terena a possibilidade de inserção nessa nova sociedade, adquirindo bens que passaram a ser essenciais para a subsistência; a partir de então, surgem as migrações para os centros urbanos.

No início da vinda para a cidade os índios Terena não se isolavam em guetos ou bairros indígenas, somente mantinham certas linhas de relações necessárias para a manutenção de uma “história em comum”. Naquela época as pressões e exigências para uma integração eram muito mais fortes, levando muitos, como vimos, a negarem sua própria origem.

O sistema de governo, nas décadas de 1950 e 1960, trabalhava com a política de integração do índio, a gente estava sendo preparado, eu passei por isso, para ser um futuro não-índio. A minha cabeça realmente pensava assim: - Eu vou ser o piloto de uma empresa aérea internacional, estou estudando inglês, francês, quero ter uma chácara

em Cotia, um apartamento no Rio de Janeiro - Minha cabeça era assim. Por quê? Porque na minha cabeça tinha um chip que me conduzia desse jeito, só que o chip indígena não tinha morrido. (TERENA, 2000, p. 38)

No final da década de 1960 e início de 1970, o “clip”(não só Tenetehara, Kaygang entre outros) com a ajuda de movimentos sociais indígenas, cresceu e ganhou espaço. Com as inúmeras organizações que foram surgindo, o índio passou a ser fonte de orgulho:

A partir do final dos anos 60, quando movimentos sociais de afirmação de identidade começaram a eclodir - como no caso dos índios, o pan-indianismo está aí para confirmar - a auto-afirmação da identidade indígena passou a ser uma regra de aceitação absoluta pelo movimento. O índio passou a ser fonte de dignidade e de autovalorização do 'Nós tribal'... O reconhecimento da identidade do indígena como ser coletivo passou a ser mais do que um direito político; passou a ser um imperativo moral. (OLIVEIRA, 2000, p. 18)

Aliados a esses movimentos estão as capacidades de transformação, adaptação e reinvenção cultural das sociedades tribais em meios diversos.

O Bairro Marçal de Souza é um exemplo de como os movimentos sociais, aliados à dinâmica cultural atuam. Demonstra-nos como os índios Terena, organizados e articulados, se adaptam ao território urbano recriando novas formas de uma vivência social e cultural, adaptando elementos antigos e tradicionais à nova realidade espaço-social.

Procuram reelaborar e acentuar características culturais, que mesmo modificadas e transformadas lhes dão unidade como povo: o ensino da língua, a produção de artefatos, a prática de danças em épocas festivas e os agrupamentos em associações e organizações indígenas.

A antropóloga Carneiro da Cunha, ao falar sobre a manifestação da etnicidade em sociedades multiétnicas, diz

que a mesma se vale de certos traços culturais para produzir diferenças, acentuar e contrastar dentro das sociedades em que atua.

As culturas são sistemas interdependentes, determinados e organizados por um todo; usadas como *signos*, em uma realidade pluriétnica, as culturas acabam assumindo novos papéis e significados, sem perderem, contudo, sua essência étnica.

Portanto, as mudanças e alterações de certos traços tradicionais, tanto na aldeia como na cidade, não afetam a vivência de uma cultura Terena, pois a cultura: “não é algo dado, posto, algo dilapidável também, mas algo constantemente reinventando, recomposto, investido de novos significados” (CUNHA, 1986, p. 101).

Desta forma, os índios Terena urbanizados, contrastando com as demais comunidades urbanas, demonstram que possuem sua própria história, e que continuarão produzindo e recriando diferenças, através da dinâmica processual de sua cultura.

## REFERÊNCIAS

- SILVA, F. A. Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v. 3. p.271-390, 1949.
- BRANDÃO, C. R. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, S. M. S. Chaco: encruzilhada de povos e “melting pot” cultural, suas relações com a bacia do Paraná e o Sul mato-grossense. In:\_\_\_\_. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Schwarcz, 1998.
- CASTELNAU, F. *Expedições às Regiões Centrais da América do Sul*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1949.
- CUNHA, M. C. *Antropologia do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CUNHA, M. C. O futuro da questão indígena. São Paulo: IEA, USP, 1993. ( Coleção Documentos, Série História Cultural).

\_\_\_\_\_. *História dos índios do Brasil*. São Paulo: Schwarcz, 1998.

FERNANDES, J. R. *Da aldeia do campo para a aldeia da cidade: implicações sócio-econômicas e educacionais no êxodo dos índios Terena para Campo Grande/MS*. 1997. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 1997.

MANGOLIM, O. Povos indígenas no Mato Grosso do Sul: viveremos por mais 500 anos. Campo Grande: CIMI, 1993.

MARTINS, G. R. Breve painel etnohistórico do Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Universidade Federal de MS-FNDE, 1992.

OLIVEIRA, R. C. *Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos índios Terena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

\_\_\_\_\_. Os (Des)caminhos da identidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 15, n. 42, p. , 2000.

SOUZA, L. G. *História de uma região: Pantanal e Corumbá*, São Paulo: Resenha Tributária, 1973.

TERENA, M. Entrevista dos 500 Anos. *Revista Caros Amigos*, p. abr. 2000.

ZERRIES, O. *Organização dual e imagem do mundo entre índios brasileiros*. São Paulo: [s.n.], 1963.